

## Regional

## CURIOSIDADE NAS MONTANHAS

# Casa de pau a pique está de volta

Donos de sítios e empreendimentos turísticos na região serrana apostam em construções como as feitas pelos imigrantes

Leandro Fidelis  
DOMINGOS MARTINS

Na contramão das modernas técnicas de construção, há quem aposte em imóveis como os feitos pelos imigrantes para preservar um pouco da história dos alemães e italianos na região serrana do Espírito Santo. As casas de pau a pique ou estuque estão de volta em sítios e empreendimentos turísticos.

Um exemplo é a construção de um paiol no sítio do médico Carlos Agostinho Künsch, de 56 anos, em Pau Amarelo. Apesar de pertencer ao município de Cariacica, a localidade faz divisa com Domingos Martins, Santa Leopoldina e Viana e fica a 16 quilômetros da BR-262 a partir do acesso para Biriricas, em Domingos Martins.

O médico reuniu o motorista Honório Volkens, 58, o tio Videmar Künsch, 71, o primo Laerce Künsch, 57, e outros sete homens para erguer e “embarrear” as paredes da construção, que ele utiliza como um boteco para receber os amigos.

Os materiais usados são provenientes do próprio sítio, como o barro, as varinhas e os cipós para fazer a amarração, muito comuns nesse tipo de moradia típica da zona rural do Brasil colonial do século XIX.

“Nasci na cidade grande, mas desde pequeno frequento a região. Quando criança, vi muitas casas da propriedade sendo construídas e, por isso, já adulto, quis ter a minha”, diz o médico.

Junto com o grupo, ele reviveu os antigos mutirões que reuniam a comunidade para encontrar a terra ideal, erguer as paredes e fazer



FOTOS: LEANDRO FIDELIS

**HONÓRIO VOLKERS, 58, e Videmar Künsch, 71, ajudaram a construir um paiol de estuque em um sítio localizado perto de Domingos Martins. A construção é usada como boteco para receber os amigos**

orações em alemão.

Segundo Seu Videmar, são necessários dois meses para a obra ficar pronta. A etapa de “varar”, ato de entrelaçar madeiras verticais fixadas no solo com vigas horizontais, leva em média três dias.

A fase mais rápida é preencher essa trama com barro, o que dura apenas um dia. “O tempo para ficar pronta vai depender do tamanho da casa”, diz o aposentado.

Ele e Honório estão sempre prontos para a próxima empreitada, e demanda não falta. O músico e admirador da cultura local Eden Schwambach, 47, quer ajuda dos “mestres de obras” para construir uma casinha ano que vem.

“A simplicidade e a maneira de se construir no estuque me encantam e me fazem valorizar a história e reviver o passado de tempos difíceis, onde a luz era de lamparina e o transporte, de burro”, conclui Schwambach.

## CENAS

## Casa reformada

Na região entre Biriricas (Domingos Martins) e Pau Amarelo (Cariacica), há pelo menos 15 casas feitas com paredes de pau a pique, algumas com até mais de um século. O bancário aposentado Laerce Künsch, 57, passa parte da semana em uma antiga casa da família, que tem cerca de 50 anos e foi reformada.



## Museu em Santa Teresa

Construída no ano de 1875 pelos irmãos e imigrantes italianos Antônio e Virgílio Lambert, a Casa dos Lambert é considerada a primeira do município de Santa Teresa, na região serrana do Espírito Santo. Tombada como Patrimônio Histórico do Estado, é uma construção em pau a pique (estuque), que hoje abriga um minimuseu que conta a história dos desbravadores.



## Estuque para decorar

A funcionária pública Fátima Lúcia Zorzal, 60, de Venda Nova do Imigrante, fez questão de levantar uma parede em estuque na casa que está construindo para morar. “Venda Nova resgata culinária, dança, mas a arquitetura típica fica a desejar, por isso resolvi resgatar esse estilo de casa”, diz.



## Imóveis viram pontos turísticos

Além de resgatarem costumes do passado, as construções de pau a pique ou estuque dão charme e beleza aos empreendimentos turísticos no interior do Estado. A textura das paredes sem acabamento é bastante apreciada como cenário pelos fotógrafos de plantão.

No distrito de Araguaia, em Mare-

chal Floriano, na região serrana, uma casinha com 20 metros quadrados chama a atenção de quem chega à praça principal. Batizada de “Casa do Nonno”, a obra foi edificada com peças de madeira utilizados pelos imigrantes italianos há 140 anos.

A casinha é um ponto de encontro entre os moradores e referência

para o turista que deseja conhecer a história da imigração no distrito. O anfitrião mais solícito é o aposentado Ângelo Uliana, de 84 anos, o popular “Seu Angelim”, sempre disposto a mostrar objetos, fotos e o fogão à lenha do interior da casa.

“Desde que me casei, moro em uma casa semelhante a essa. Nunca tive problema”, diz.

No mesmo município, na localidade de Alto Santa Maria, na altura do km 69,5 da BR-262, a Casa da Bica também investiu em uma construção de pau a pique. O “Paiol da Bica” virou ponto turístico na famosa parada das montanhas.

Já nas margens da Rota Imperial, o Sítio Toinzé é uma das atrações de Iúna, na região do Caparaó. O proprietário, Cristiano Ricarte, investiu em uma construção utilizando a técnica do pau a pique que funciona como cerimonial.

## SAIBA MAIS

## Estrutura de madeira e barro

### O que é?

- > **A TÉCNICA** da taipa de mão, também conhecida como pau a pique, barro armado, taipa de sopapo, estuque ou taipa de sebe, consiste em armar uma estrutura de ripas de madeira ou bambu com uma mistura de barro.
- > **É UMA TÉCNICA** simples de construção. No Brasil, foi trazida pelos portugueses e, desde então, é muito utilizada no meio rural.

### Técnica da construção

- > **O PAU A PIQUE** é empregado em divisórias internas e recebe o nome porque é feito com estrutura de madeira roliça, disposta vertical (a pique) e horizontalmente, amarrada com cipó ou cravo.
- > **DEPOIS, ESSA TRAMA** é preenchida com barro socado. Pode receber acabamento alisado ou não, perma-

necendo rústica (estuque) ou ainda receber pintura de caiação.

### Quando foram utilizadas?

- > **FORAM** bastante utilizadas nos séculos XVIII e XIX, período colonial do Brasil, sobretudo nas paredes internas. Das técnicas em arquitetura de terra é a mais utilizada.
- > **ANTIGAMENTE**, era preferida pela facilidade de se utilizar recursos naturais próximos, mas, com o tempo, caiu em desuso por conta da proliferação do barbeiro (agente da Doença de Chagas) nas fendas deixadas pelo barro.

### Durabilidade

- > **NAS REGIÕES** serrana e do Caparaó, existem dezenas de casas com idade entre 50 e até 100 anos ainda de pé e ocupadas por seus moradores.



**SEU ANGELIM, de 84 anos, na “Casa do Nonno”, no distrito de Araguaia**